



SUISSA—Um pittoresco grupo de alpinistas deslizando sobre a neve em Chamounix

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$000.

**Numero avulso, 60 reis**

**AS EGREJAS**  
 fornecem-se da  
**casa Monteiro Borges**  
 (Ruas do Sol e Batalha-Porto)  
 por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo  
 em **IMAGENS**  
 de mais importante  
 em **PARAMENTOS**  
 e de mais fino em  
**ALFAIAS**



ESCULTURA  
 RELIGIOSA  
 EM  
 MADEIRA

**Titulo da Casa Monteiro  
 Borges  
 Ornamentos d'Egreja**

**Titulo da Casa Monteiro  
 Borges  
 Escultura Religiosa em  
 madeira**

**IMAGENS — PARAMENTOS — ALFAIAS**

**Monteiro Borges — PORTO**

Quem imita esta casa reconhece:-lho a superioridade

# A im- prensa

## Esculptura Religiosa

O nosso amigo e infatigavel trabalhador sr. Monteiro Borges, que, á sua bella casa de paramenteiro, sita nas ruas do Sol e Batalha, annexou, ha tempos, uma esplendida officina de esculptura religiosa em madeira, expõe em uma das «vitrines», uma imagem do Sagrado Coração de Jesus que é, devemos confessa lo, lindissima. A serena doçura da physionomia da imagem retrata a divina calma que d'aquelle olhar abençoando, todo feito de perdão, e que nos deixa embevecidos, contemplando-o; o lançamento correcto e cuidado das roupagens; as distribuições deliciosas das côres; tudo, tudo nos encanta na tão linda, na tão perfeita imagem. E é mister dizer, então, que essa officina, ha tão pouco montada, mercê do esforço de Monteiro Borges, honra a arte portugueza, e hade, por sem duvida, e dentro em praso bem curto, «marcar dignamente entre nós, vindo que todos os seus artistas trabalham afanosamente, cuidadosamente, e que d'esse afan e d'esse cuidado, são prova os lindos trabalhos que a pouco e pouco, vão sahindo dos magnificos ateliers. E porque é tão linda a imagem — tão linda! — e porque Monteiro Borges é um trabalhador d'uma rara perseverança, aqui o saudamos, re-commendando a sua casa a todos os que desejem obter os bellos productos de arte sacra que, felizmente, vem sendo executados entre nós. Os nossos parabens, pois a Monteiro Borges.

Da «Liberdade».



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Ferreira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

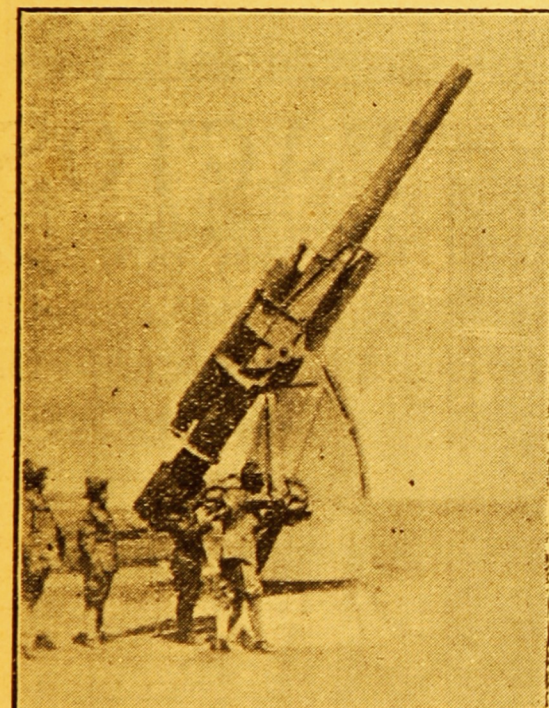
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

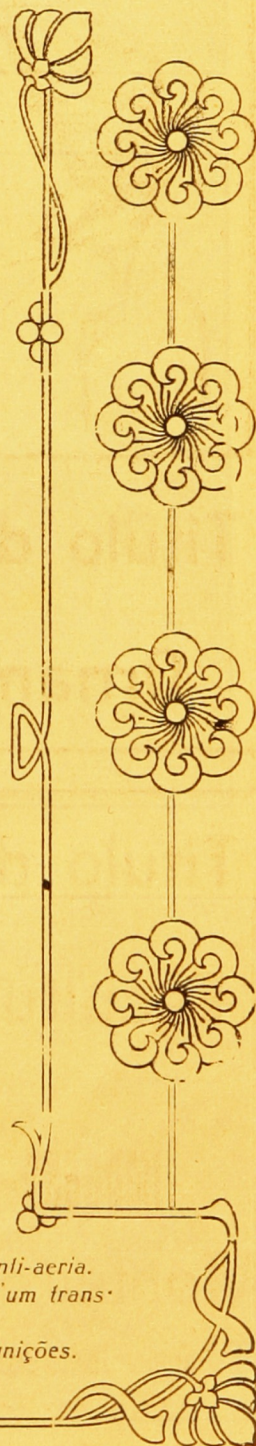
Braga, 10 de Fevereiro de 1917

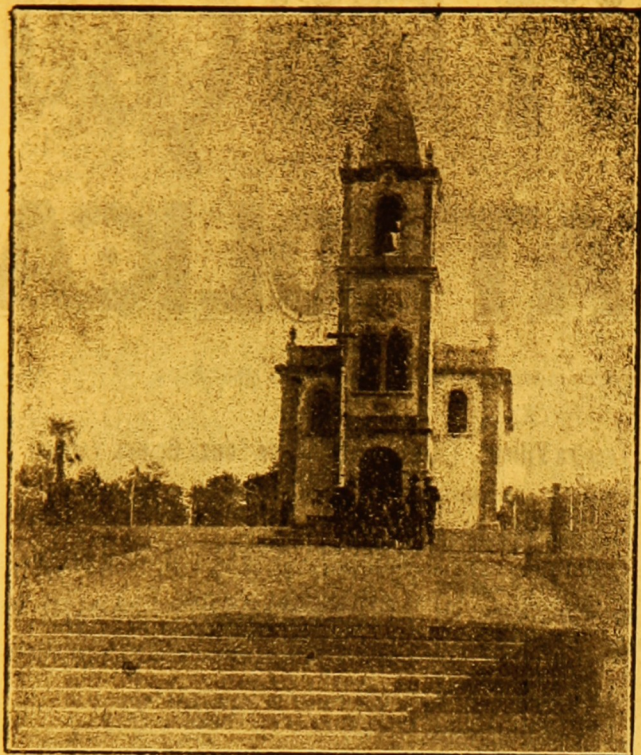
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
NÃO se restituem os originaes

Numero 189—Anno IV



- 1—NA AMERICA—Uma peça de artilharia anti-aeria.
- 2—Um match internacional de polo a bordo d'um trans-  
porte.
- 3—Duas operarias inglezas n'uma fabrica de munições.
- 4—Um sacerdote russo benzeno um camión.



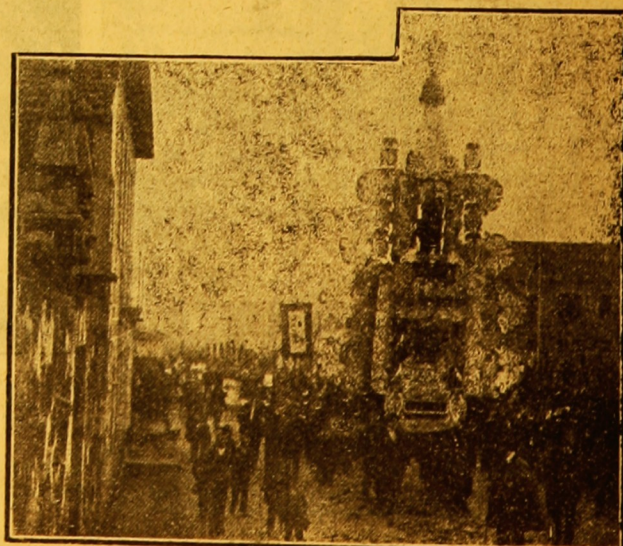
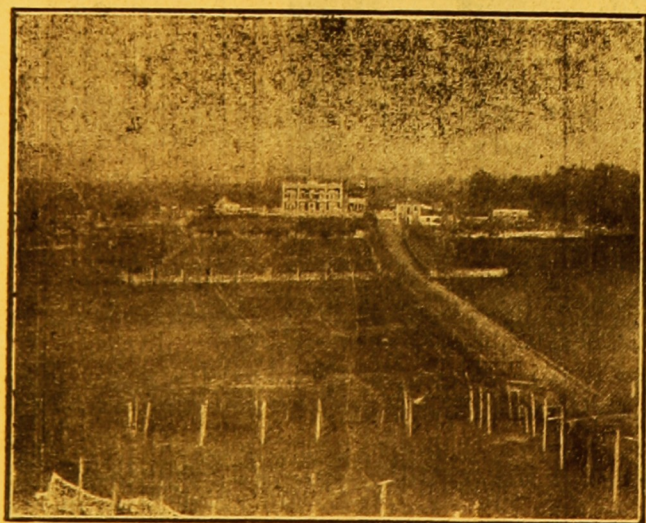


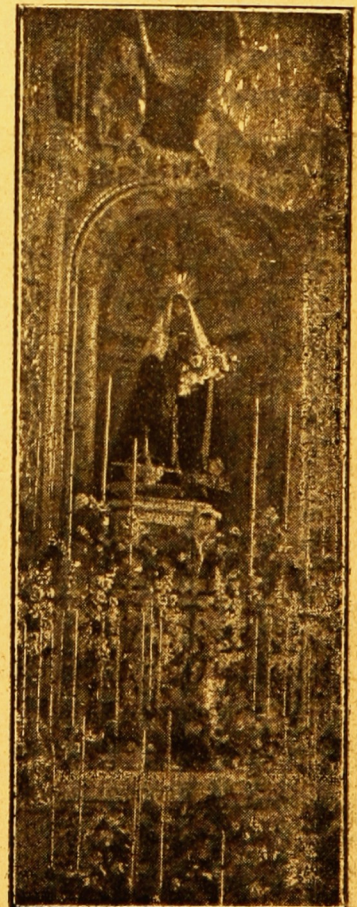
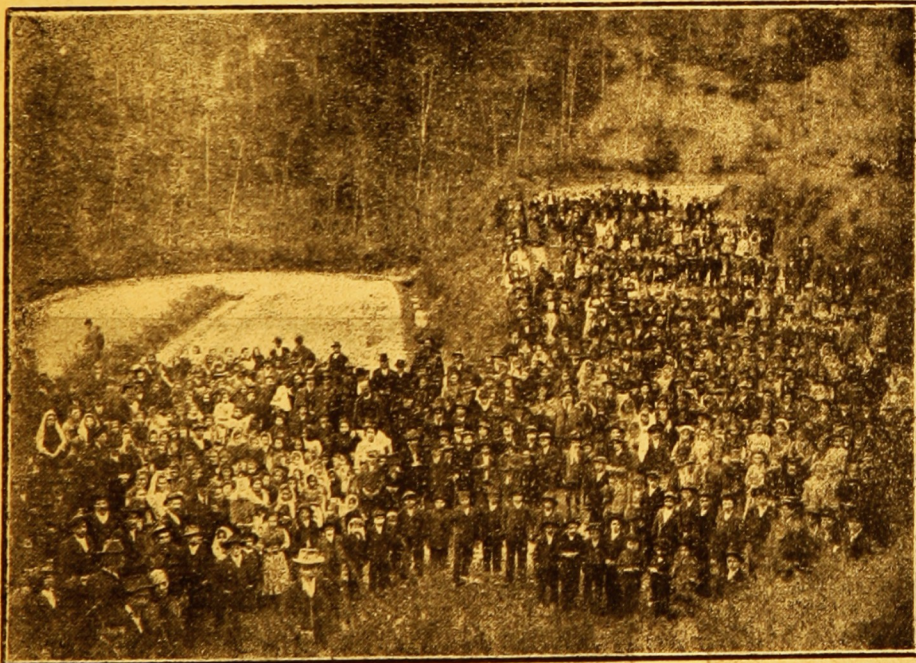
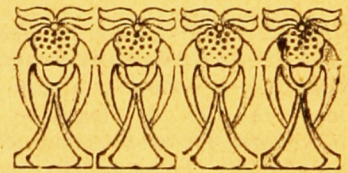
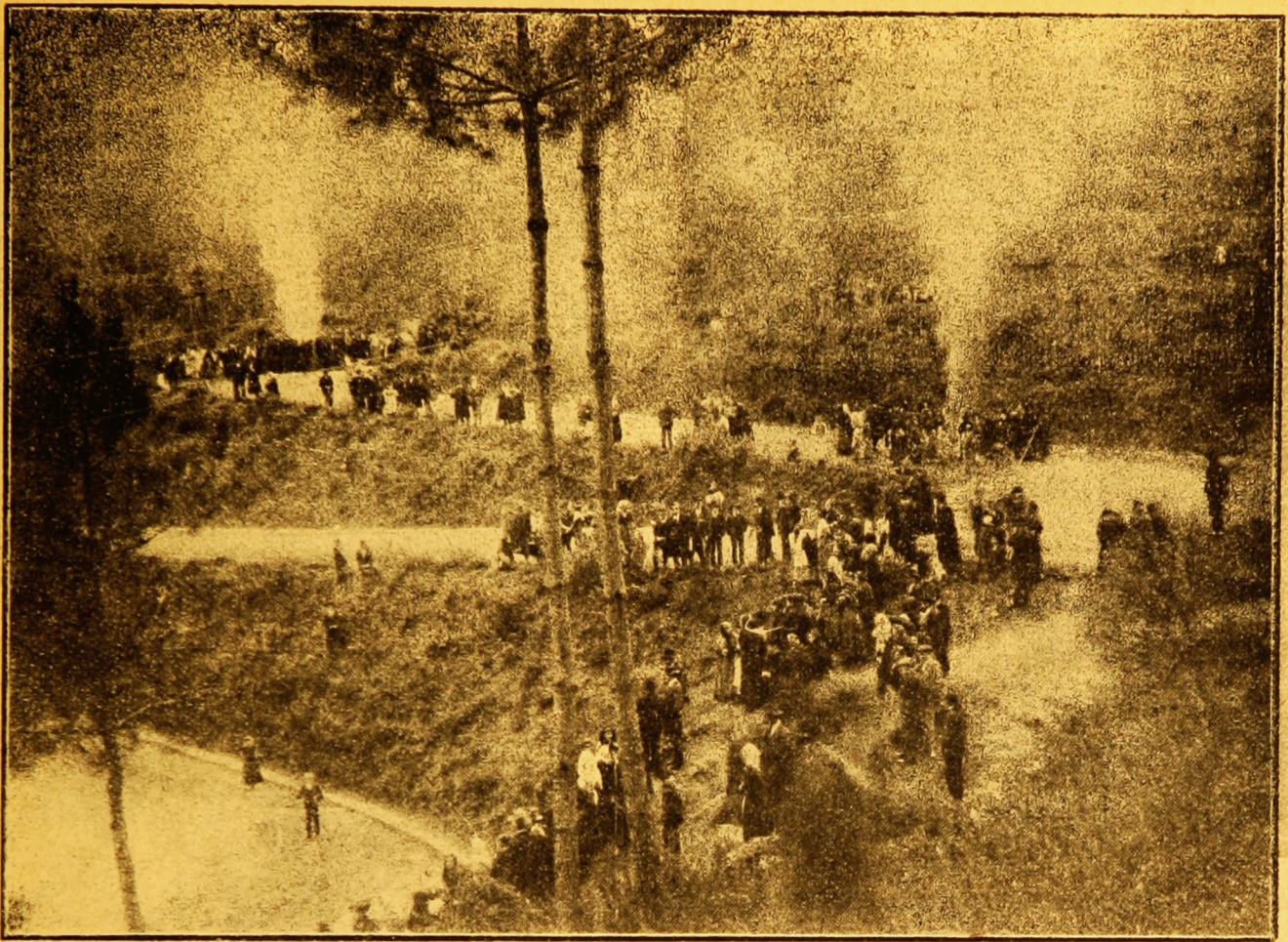
# FACTOS

## A Festa de S. Amaro em Passos de Ferreira

- 1—A igreja parochial.
- 2—A procissão.
- 3—O Santo Lenho.
- 4—Paços de Ferreira.
- 5—O andor de Santo Amaro.

(Phot. J. Azevedo.)

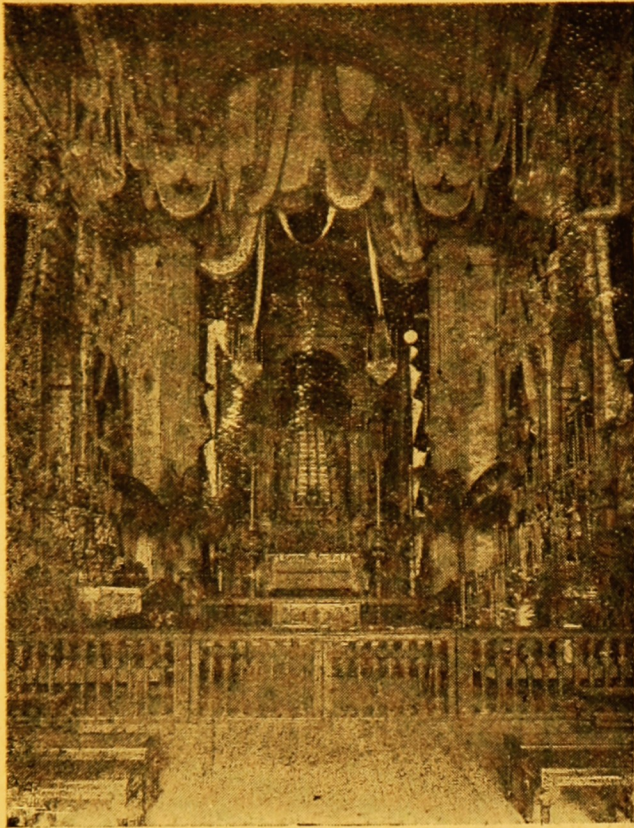




**SANTA ANNA DE VIMIEIRO**—1—Um aspecto dos festejos das creanças das catecheses de Vimieiro e outras freguezias juntas.  
2—O grupo geral das creanças nas voltas de Macoda em Vimieiro.

(Phot. Allionça).

**COIMBRA**—3—O altar da Rainha Santa Izabel na igreja de S. Francisco, no dia 9 de julho de 1910, da qual foi juíza a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Engracia da Conceição Pinto de Vasconcellos.



COIMBRA—1—Interior da igreja de S. Francisco ornamentada pelo armador Alberto Pereira.

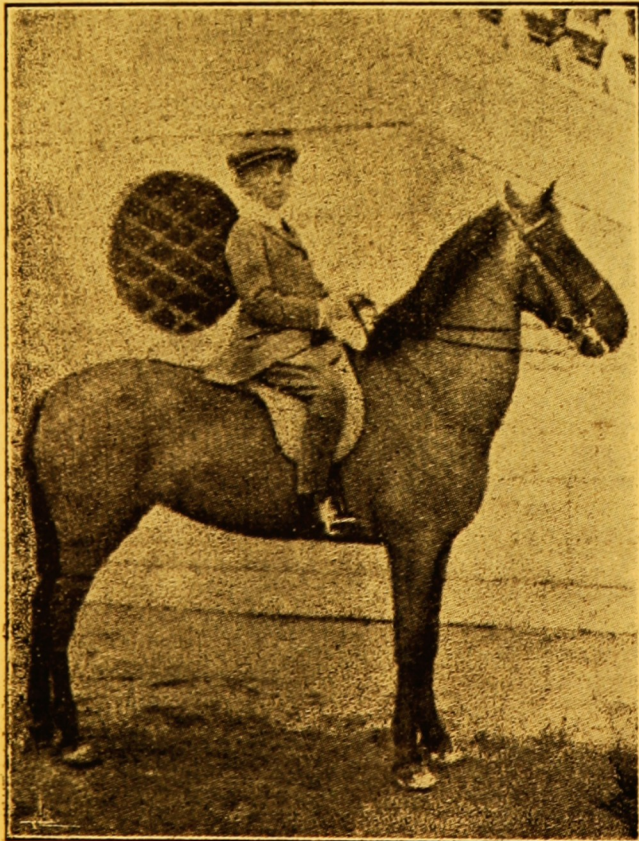
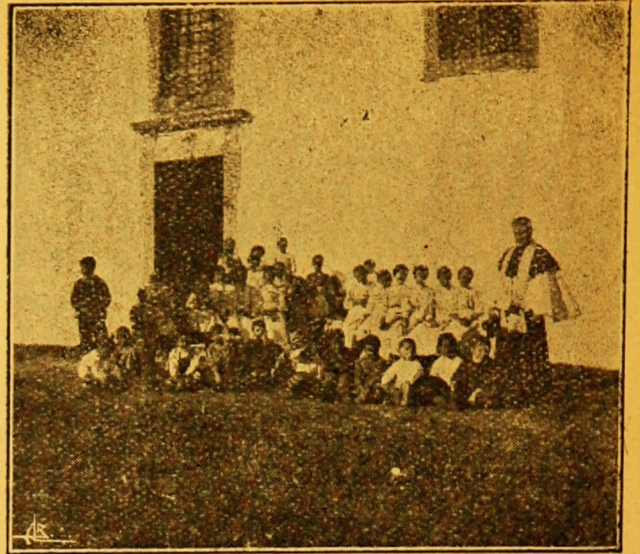
(Phot. Barros Freire).

HESPAÑHA—2—O Príncipe Real montado no seu garrano.

PALMA—3—As crianças da catechese com o rev. parcho.

HESPAÑHA—4—Ha dias alguém collocou na linha ferrea por onde ia o rei de Hespanha a uma caçada, uma viga de ferro, que foi descoberta a tempo não havendo mal a lamentar. Na photographia vê-se D. Manuel II e Alfonso XIII n'uma caçada.

HESPAÑHA—5—O infante D. Jayme, saindo a dar um passeio a cavallo. É o segundo filho de Alfonso XII.



# CHRONICA DA SEMANA

## Tarde de bruma

**E**u estava deante d'elle, sentado ao lado do fogão, junto da janella, a luz d'aquella tarde de céos crassos e chuva meúdinha, espapaçando, enevoando tudo batia-lhe de chapa fazendo destacar a linha do seu perfil de homem de norte, a sua barba branca de missionario heroico.

Sobre a meza que nos separava agglomeravam-se cartas, jornaes, um livro de Eduardo Sequeira e a caixa dos inseparaveis cigarros . . .

O quarto, n'um angulo da casa apalaçada, onde ainda a convalescença d'uma doença d'Africa o vae retendo, tinha um todo provinciano, intimo e morno.

Uma extensa faixa da cidade se desenrolava em volta; o casario de Campanhã, massa cinzenta d'onde emergiam verrumando inutilmente a neblina dos céos os canudos das fabricas, silvando a espaços, com o som brusco e anciado das sereias dos pharoes á beira mar; o Cemiterio do Repouso, manchas brancas de tumulos dando rasgões na verdura dos relvados; depois cá para baixo as linhas dos edificios altos da Batalha, as torres de Santo Ildefonso . . . Mesmo por baixo das janellas e varandas do quarto os arruamentos das novas avenidas bracejando por entre blócos de cantaria e pedras esquadradas, sobre a lama: a invasão . . .

A subscripção nacional para a assistencia religiosa em campanha atravessara-se logo entre nós como um pensamento que não é possivel arredar. E discutimos alvitres, delineamos a campanha.

Depois um jornal lançou á conversa as palavras ameaçadoras do *Mining Wold*. E a Africa surgiu evocada, escoldinhada, estudada deante dos meus olhos e do meu espirito, pela sua voz um pouco lenta já é verdade, mas viva, colorida, intercadenciada d'aquelles sorrisos intelligentes que são um dos laços d'attracção do antigo Bispo de Moçambique . . .

—O *Mining!* Eu conheço-o . . . Já n'aquelle tempo, no meu tempo era assim. Nunca perdia occasião de dar a sua facadinha . . . O *Mining!* Eu sei . . .

—Mas as tendencias absorventes da União tornaram-se agora mais precisas, mais perigosas!

—Sem duvida. E é pena! *Elles* levam-nos Lourenço Marques, levam . . . Eu conheço-os? Já britannisaram a cidade. Perdemos os nossos *homens d'Africa!*

—E perdido Lourenço Marques . . .

—Perdida está virtualmente a provincia. E' toda a zona até ao Zambeze que se vae embora! O *Mining!* Eu conheço o . . .

Volutas de fumo subiam silenciosas . . . O velho Bispo missionario olhava a paysagem da cidade afogada sob a campanula immensa da bruma . . . verdadeiramente londrina.

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

João Penha

**E**M Madrid, ha dois annos, no dia em que toda a imprensa chamava a attenção do paiz para a miseria de Galdos, eu lembrei com amargura e com vergonha, a situação precaria dos nossos melhores poetas. O grande dramaturgo hespanhol vivia embaraçado n'uma mediania aviltante, que no entanto lhe consentia ainda, o luxo d'uma carruagem; Gomes Leal' essa occasião, morria de fome e João Penha velho e cansado, arrastava-se estreito, em difficuldades e dissabores, n'uma advocacia parca. Toda a Hespanha n'esse momento vibrava de indignação porque o seu grande litterato se encontrasse, forçado no fim da vida, ao viver incerto d'um humilde. Não era pão que a imprensa pedia: não era a jorna magra e necessaria, que o paiz inteiro reclamava. Pedia mais, reclamava mais. Uma nação agradecida insistia solemne pelo conforto, pelo esplendor, que julgava absolutamente necessarios á vida quotidiano d'essa grande figura. Queriam-a dentro da

sua gloria, do seu culto proprio, em harmonia com a sua grandeza e assim a nação inteira sacudida pela mesma voz de dever, não mendigava uma dadiva, reclamava generosa justiça. Este rasgo nobre de caracter colectivo, fazia-me córar, fazia-me entristecer. Malavinda com a sorte iria no aspero caminho do destino, a nacionalidade que não sabia prezar as suas glorias e uma funda amargura invadia a minha alma de portuguez.

Foi por isso que a miseria do grande poeta dos sonetos não me embalou. Commoveu-me, envergonhou-me, mas passou como coisa já sedida na logica amarga do tempo em que a mediocridade triumpho e a melioria se relega para a solidão dos asylos para o desamparo dos hospitaes.

E no entanto, nos meus olhos extasiados, prepassava essa figura brumelesca de dandy poeta, como o padrão glorioso d'uma epocha, — que em si e por si toda uma epocha esplende e revive, — que alarmara uma academia com as suas rimas e com as suas gravatas e que lá longe na estreiteza humilde do seu escriptorio abandonado, entre canones e leis, curtia a mais rude e desamparada miseria. E para esse homem, o mais brilhante joalheiro do verso, o mais romantico e estouvado bohemio d'essa Coimbra amorosa e praxista, o companheiro de Junqueiro, João de Deus, Crespo e tantos outros, o mais enbrincado e suggestivo parnasiano, que o parnaso afinal e as Tias Camellas, despejaram solemne n'um tribunal do Minho.

Ah meu querido, meu grande João Penha, como a sua gloria esqueceu, como todos esquecemos a sua arte admiravel para que não vibremos d'indignação não já perante a sua miseria que era desconhecida mas em frente d'esses quarenta mil réis escasos, com que um governo que pretende passar por generoso, designou para o seu apanagio de principe dos poetas.

O ordenado d'um amanuense, a miseria d'um mestre escola, a mediania escassa d'um burocrata subalterno e eis tudo quanto a magnidade official lhe põe nas mãos não como uma homenagem mas como uma esmola.

A sua obra, o seu talento, o seu valor admiravel de poeta, tudo quanto fez por esta litteratura admiravel, computado miseravelmente por um chefe de repartição em quaranta mil réis mensaes!

E' por isso que hoje como outr'ora, em Madrid, córo de vergonha perante a funda indiferença d'uma nacionalidade que esquece obstinadamente o passado, que despreza a tradição e que se um dia, empurrada para uma generosidade tem para o apanagio d'uma gloria indiscutivel, o ordenado d'um porteiro qualquer. E a mesma amargurada tristeza invade-me a alma d'uma mortal melancholia.

Mal vae para as nações que não sabendo prezar as suas glorias, tão mal prezam de si proprias... Mal vae.



João Penha



# PALESTRAS DE ARTE CRISTÃ

## VI.—Pintura (noções geraes)

**N**a Pintura, como nas suas duas irmãs gêmeas acaba o relêvo verdadeiro, mas tem outros recursos que o substituem com vantagem. O simples desenho em superfície plana não é propriamente uma pintura, nem se pode só com elle dar a impressão do relêvo. O claro escuro, a perspectiva e sobretudo o colorido é que dão à pintura o logar primacial nas artes bellas. O claro escuro, gradúa a iluminação, forma os sombreados, e consegue despertar no observador a illusão do relêvo. A perspectiva regula a grandeza dos objectos representados, dispõe as deformações que a distancia produz nos nossos olhos, e consegue dar a illusão do espaço, dos fundos dos quadros. Finalmente o colorido exalta os effeitos do claro escuro pela gradação das côres reproduz as côres com as modificações que soffre no ambiente retratado e dá ao quadro o que se pode chamar a sua vida, anima-o, vivifica-o. É tão importante o seu papel que se costuma dizer com razão que os pintores são os mestres das côres, a pintura a arte bella das côres. Tem as côres o condão de impressionar o homem, consoante os cambiantes que apresenta. Assim conforme a exposição lucida de Lepore, a quem vou seguindo nestas três ultimas palestras «dizem-se tons ou tintas puras as que não são mixturadas com o branco; chama-se intensa quando tem muita luminosidade. As côres pouco intensas parecem escuras, as de intensidade elevada claras. Uma côr que seja intensa e luminosa diz-se saturada. Costumam-se distinguir as tintas em frias e quentes. Estas approximam-se do amarello doirado: assim o vermelho, o alaranjado, o amarello, são côres quentes; azul e violête são frias; a verde é intermedia; quente se tende á amarella, fria se á azul. O tom da carne é quente se puxa para o vermelho, frio se pende para o violête» . . . .

Grande importancia tem pois as côres e as suas gradações; são a linguagem da pintura; são ellas que hão de provocar ao observador os sentimentos que se intentam. São as suas tonalidades delicadas quem irá dar ao quadro a sua perfeição.

O objecto da pintura é como na escultura o homem. As mais coisas: paysagens, animaes, edificios, etc. entram nella como partes componentes do scenario em que se move e vive o homem. Ha porem uma differença radical entre o modo de encarar o homem nestas duas artes. A escultura procura traduzir os sentimentos internos, nascidos da influencia da alma sobre o corpo. A pintura visa outro objectivo: a pintura considera o homem como aparece por fóra, melhor, procura «exprimir a belleza do homem em relação com a natureza que o circunda,» com a natureza exterior — digamos assim o homem social.

É pois que o homem está em relação com os seus semelhantes, com o mundo, com os parentes, amigos, familia, e o Estado, vê-se a vastidão do campo d'esta arte. Entre estas relações a mais nobre é a que liga o homem a Deus, a que torna o christão membro da grande Sociedade que é a Igreja, e a Igreja é composta de Christo, cabeça Suprema, da sua parte triumphante que são bemaventurados do Ceu, da sua parte militante, que somos nós todos unidos hierarchicamente ao Romano Pontifice e d'aquelles que no Purgatorio completam a purificação das suas almas. Por contraste entram na Igreja os que um dia foram membros d'ella ou o podiam ser, mas que vivem eternamente condemnados. Imenso campo da Pintura Christã. E de facto esse campo tem sido explorado intensamente, mas quantos assumptos ainda por tratar!

Se todo o pintor precisa de conhecer e observar a natureza, a sociedade, os homens das diversas profissões, etc. quanto espirito de observação, que profundo conhecimento da vida religiosa, da historia religiosa, não deve ter o pintor christão! Se a sua vida não fór christã como poderá elle interpretar a vida sobrenatural dos membros da Igreja, as relações elevadas que unem os Santos, os anjos e os homens com Deus; como poderá entender os actos de culto tão ricos e variados, tão expressivos, da liturgia christã!

Por isso os grandes pintores christãos foram crentes. Murillo, Raphael (apezar das suas fraquezas) eram christãos praticos e ao mais espiritual de todos, o beato Angelico, a Igreja presta as honras dos altares.



S. Miguel Archanjo Guido Remi

## LITTERATURA

# Horas tragicas

«E as victorias contei por batalhas!  
Ninguem ouve o meu nome a sorrir!»

(Ernesto Marrecas—O Panorama. Vol. XI).

—Esses homens fazem muito mal? perguntou D. Maria de Sequeira, completamente alheia ás proezas de tal gente.

—Approximam-se dos navios afim de os roubar e quando elles resistem . . .

—O que fazem? disse a senhora já muito curiosa.

—Fazem o assalto, matam e roubam, respondeu o commandante, friamente;

—Meu Deus, que horror! e virou-se para o commandante como querendo ler-lhe na physionomia se encobria mais algum pormenor.

—A Virgem Nossa Senhora pode permittir que nada nos aconteça.

—Que farias tu, Maria, se agora ao longe os avistássemos? perguntou Souto Maior, pegando em uma das mãos d'ella.

—Cumpriria o meu dever, como mulher portugueza que me honro de ser! Luctaria junto de vós todos; os Sequeiras desconhecem o que seja o medo.

Aquella resposta, dita com uma convicção cheia de firmeza, causou uns minutos de silencio. Parecia que taes palavras se haviam gravado em lettras de fogo nas almas d'aquelles homens que a escutavam com respeito e veneração.

A sineta de bordo deu signal para que todos se recolhessem, por isso dentro de pouco tempo apenas estavam de pé as sentinellas de viagem.

Gaspar dos Santos, não se deitou em aquella noite; o seu coração de velho marinheiro parecia que o avisava que alguma coisa de anormal, em poucas horas, havia de acontecer.

O valente commandante temia as costas de Portugal que por aquelles tempos eram povoadas de navios de piratas, sendo frequentes os assaltos a navios que elles julgavam trazer riquezas.

Ainda o sol mal despertava no nascente, quando Gaspar dos Santos mais a tripulação avistaram para os lados das Berlengas trez navios de piratas argelinos.

Fez-se logo o alarme a bordo, Gaspar dos Santos tomou o comando da pouca marinhagem de que podia dispôr, mandando pôr a funcionar, logo que fossem necessarias, as boccas de fogo. N'aquelle momento de sobresalto, de todos a bordo, um perfeito contraste com a madrugada, que offerecia serena e tranquillidade sem a mais leve nuvem, uma figura se desenhava no meio da marinhagem, era Dona Maria de Sequeira!

Cada vez mais se approximavam os navios dos assaltantes; tudo revelava que o choque deveria ser terrivel, pois possuíam maior numero de boccas de fogo.

Soavam sete horas da manhã, quando se crusaram os primeiros tiros.

D'ahi a pouco a nau portugueza era alvo dos tiros certos dos argelinos.

A bordo da *Senhora do Carmo* reinava a maior coragem e serenidade; de vez em quando as boccas de fogo lançavam sobre os navios inimigos, o panico terrivel da morte; o combate de parte a parte augmentava em um crescendo horrivel de sangue!

Dona Maria de Sequeira, vendo que os marinheiros perdiam coragem em virtude da superioridade numerica do inimigo, em um rarissimo arranco de heroismo foi para junto d'elles, dando-lhes coragem, excitando-os com phrases patrioticas, combatendo como um soldado ao lado d'elles!

(Continua).

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

(Do livro em preparo: *Almas Portuguezas*).



## ◉ LAMEGO ◉



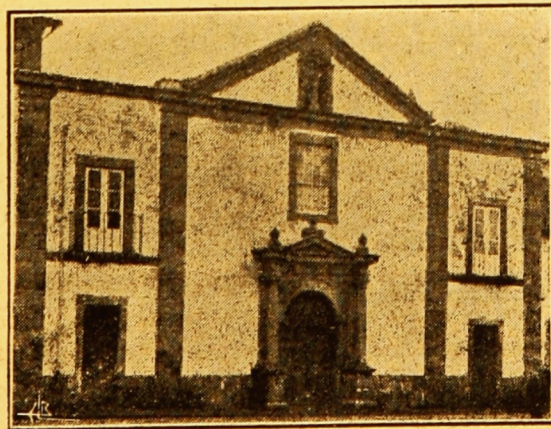
- 1—O edificio do antigo Collegio.
- 2—O rev. Padre Alfredo Pinto Teixeira, director do Collegio.
- 3—Dr. Antonio José da Costa Flórido, professor do collegio.
- 4—A Igreja da Graça onde está estabelecida canonicamente a Associação dos Pagens da Eucharistia.



## DIUROS NOVOS

### Theses dos Congressos dos Medicos Catholicos

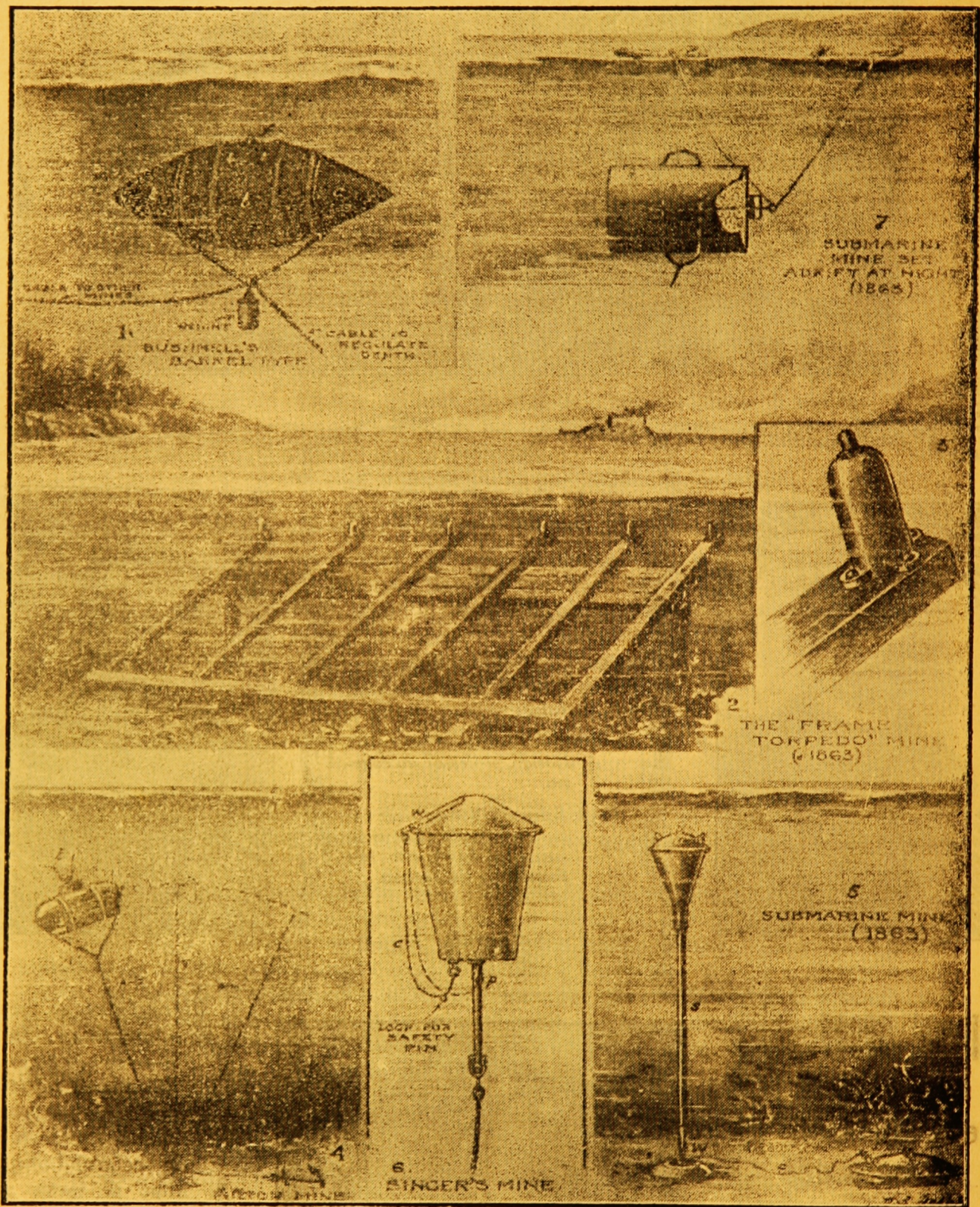
O sr. dr. Dias Chorão, da Covilhã, acaba de brindar esta publicação com dois opusculos em que foram



reunidas as theses e conclusões dos primeiros congressos de medicos catholicos. São esses congressos um esperançoso ideal de acção catholica, maxime se forem seguidos pela organização catholica de outras classes. Como opusculos de vulgarisação, muito importa divulgar a sua doutrina, excelente sob todos os conceitos.



Varios typos de minas submarinas



1—Uma mina submarina do tylo  
Bustnell.  
2—A mina tylo Frame Torpedo.

3—A mina tylo Fulton.  
4—Uma mina submarina antiga.  
5—A mina Linger.

# Lágrima de amor

---

Quando alguém nos fala e chora,  
Ao ver triste o nosso olhar,  
Mal podem imaginar  
Ail quanto isto nos melhora . . .

Esse pranto é como a aurora,  
Dourando o nosso pezar . . .  
E' mais terno que o luar,  
Na magua que nos devora.

Oh! lágrima sancta é essa,  
Caindo sobre uma dor  
Mais negra que um panno de eça.

Tem um encanto infinito,  
Para o coração do afflicto,  
Uma lágrima de amor.

FRANCISCO SEQUEIRA.



# Lavadeira

---

E' sol-posto: a lavadeira  
Volta alegre do trabalho,  
Seguindo por um atalho  
Que vem mesmo da ribeira.

Quasi a meio da ladeira,  
Sob a cópa de um carvalho,  
Ella descança um migalho  
De tanta lida e canceira.

Mal refeita da fadiga,  
Toma o caminho e a cantiga,  
Com todo o desembaraço.

E assim vae todo o caminho,  
Emquanto o sol, de mansinho,  
Se esconde ao longe no espaço.

FRANCISCO SEQUEIRA.



# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### O bobo de Philippe II

**P**hilippe II, rei poderoso de Hespanha, trabalhando um dia só no seu gabinete tocou repetidas vezes a campainha a chamar os creados. Como não apparecessem abriu a porta do gabinete a chamar em voz alta, mas só lhe respondeu uma gargalhada do seu bobo.

—De que te ris, toleirão?

—Da figura que V. M. faria se os seus subditos lhe fizessem o mesmo que os seus creados.

### Santo Prelado

O governador das armas do Alemtejo visitou D. Constantino de Bragança, arcebispo de Evora, e manifestando grande admiração pela simplicidade do mobiliario e o nu das paredes do palacio, teve esta resposta do venerando prelado:

—Quando de inverno entro em casa, as paredes não se me queixam de terem frio, mas os pobres que encontro á porta quasi enregelados, me estão gritando que tem precisão de vestidos.

### O segredo

Alguns atheniensees tramaram uma conspiração para livrarem a cidade do jugo dos tyrannos, mas foi descoberta e entre outros presos foi posta a tratos uma mulher chamada Leoa, que preferiu cortar a lingua com os dentes a denunciar os seus cúmplices. Expulsos os tyrannos, os athenienses reconhecidos e para immortalisarem a sua coragem ergueram n'uma praça de Athenas uma estatua de Leoa sem lingua e no pedestal puzeram este distico:

—A virtude triumphou do sexo.

### Fazendo justiça

Conta-se que D. João, rei de Castella respondera quando em Madrid lhe perguntaram como fôra possível perder a batalha de Aljubarrota, sendo o exercito castelhano mais numeroso e luzido que o portuguez:

—Quem ha que pode vencer um pae cercado de doze mil filhos?!

Alludia ao affecto e enthusiasmo que os portuguezes sentiam pelo seu rei.

### D. João Coutinho

Governando Arzilla D. João Coutinho prendeu a um mouro nobre e velho. Querendo um mouro mancebo casar com a filha do mouro prisioneiro, esta respondeu que não casaria sem que pae estivesse liberto.

Correu o mouro joven a Arzilla, deitou-se aos pés de D. João Coutinho e disse-lhe:

—Senhor, eu sou tão nobre como este preso, sou moço e elle é velho, sou rico e elle pobre: ainda que bem sabemos quanto sois magnanimo, pode ser que attendais á conveniencia, mas se a esta olhaes em mim está mais segura; e assim, acceitando-me em lugar d'este pobre velho, consolareis aquella afflicta moça e tambem a mim que só venho comprar seu allivio pelo preço da minha liberdade.

O conde abraçou o mouro e sollou o velho.

### Treze preceitos uteis

Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje.

Não mandes fazer a ninguem o que tu puderes fazer.

Nunca disponhas do teu dinheiro antes de o teres na mão.

Não compres cousa alguma sem a precisares.

Evita o orgulho e a soberba que são peiores que a fome, sêde e frio.

Não te arrependas nunca de haveres comido pouco.

Faze com gosto qualquer trabalho e o enfado será menor.

Toma sempre as cousas pela parte mais suave e segura.

Quando te encolerisares conta até cem antes de responderes.

Pensa antes de aconselhares, e está sempre prompto a obsequiar.

Nunca assignes papel sem o ler, nem bebas agua sem a vêr.

Madrugua e terás tempo para tudo.

Não prefiras um amigo novo a um amigo antigo.

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
BRAGA

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chag in, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Teimo, 21—TUY.

**BRAGA**—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

**NO PORTO**—Joaquim da Silva e Melo & C.<sup>a</sup>—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

## Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Almanaque de Santo Antonio

(Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250  
Cartonado, 320

## TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

# Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**